

ZAZIE DANS LE MÉTRO / 1960

um filme de Louis Malle

Realização: Louis Malle / **Argumento:** Louis Malle e Jean-Paul Rappeneau, segundo o romance homónimo de Raymond Queneau / **Fotografia:** Henri Raichi / **Direcção Artística:** Bernard Evein / **Montagem:** Kenout Peltier / **Música:** Fiorenzo Carpi, André Pontin / **Intérpretes:** Catherine Demongeot (Zazie), Philippe Noiret (tio Gabriel), Hubert Deschamps (Turandot), Carla Marlier (Albertine), Annie Fratellini (Mado), Virrorio Caprioli (Trouscaillon), Jacques Dufilho (Gridoux), Yvonne Clech (Madame Mouaque), Odette Piquet (mãe de Zazie), Antoine Roblot (Charles), etc.

Produção: Napoleon Murat, para Documento e Nouvelles Editions de Films / **Cópia:** dcp, colorida, versão original legendada eletronicamente em português, 92 minutos / **Estreia Mundial:** cinemas Mercury e Madeleine, Paris, em 28 de Outubro de 1960 / **Inédito comercialmente em Portugal.** Exibido pela RTP

Embora seja, por vezes, identificado como membro da “Nouvelle Vague”, a verdade é que Louis Malle se pode considerar, apenas, como um “compagnon de route” no que diz respeito à sua entrada no cinema. O que o distingue dos nomes mais famosos daquele “movimento” é que Malle não teve um percurso pela crítica, sendo formado pelo IDHEC (a, então famosa, Escola de Cinema de Paris). Tendo completado o curso fez uma breve passagem pela televisão antes de integrar a equipa a bordo do “Calypso” do comandante Jacques-Yves Cousteau, para as filmagens de **Le Monde du Silence/O Mundo do Silêncio** que seria premiado em Cannes e onde Malle tem, pela primeira vez o seu nome no genérico como co-realizador devido ao seu trabalho na captação das imagens submarinas (aliás foi por trabalho semelhante que fizera em 1955 para Edmond T. Greville em **Le Port du Désir**, que Cousteau convidou Malle a trabalhar consigo). No mesmo ano, 1956, trabalha ainda como assistente de Robert Bresson em **Un Condamné à Mort S’Échappé/Fugiu um Condenado à Morte**. No ano seguinte, em 1957, Malle estreia a “solo” na realização com **Ascenseur Pour l’Échafaud/Fim-de-Semana no Ascensor**, que seria considerado, como **...Et Dieu Créa la Femme/E Deus Criou a Mulher** de Roger Vadim, um precursor, e anunciador, da “Nouvelle Vague”, classificação que se aplicaria com mais justiça ao filme de Malle, não só pelo estilo da realização (a captação de exteriores, em especial) como pela presença de Henri Decaë na fotografia.

Zazie Dans le Métro é o terceiro filme de Louis Malle, e, como o segundo (**Les Amants/Os Amants**), tem como ponto de partida uma obra literária, o romance homónimo de Raymond Queneau, que Malle leu ainda na forma de manuscrito. Quando se resolveu a adaptá-lo os direitos tinham sido adquiridos por Raoul Levy que projectava produzir um filme que seria dirigido por René Clément. Malle convenceu Napoleon Murat a comprar os direitos a Levy a fim de poder dirigi-lo.

Zazie Dans le Métro talvez seja o filme que melhor reflecte o espírito “nouvelle vague” na obra de Louis Malle, tanto na irreverência do discurso, a partir do texto não menos

irreverente de Queneau, como no estilo, de uma ligeireza e liberdade de tom que não se encontram em qualquer outro filme do realizador. De certo modo tudo se deve à forma como o realizador e o seu co-argumentista Jean-Paul Rappeneau transportaram para o cinema a linguagem do escritor. Se o livro é, entre outras coisas, um ensaio na subversão da linguagem escrita, o filme procura ser o equivalente na linguagem cinematográfica, tal como era a intenção de Malle (“J’ai pensé que c’était amusant, au point où en est le cinéma actuellement, d’essayer de trouver au cinéma un équivalent de ce que faisait Queneau sur le plan littéraire”, disse o realizador numa entrevista). Para tornar mais eficaz a “transferência” Malle utiliza um elenco composto quase por desconhecidos, Catherine Demongeot (que nada tem a ver com uma popular actriz de então, e uma das muitas “rivais” de Brigitte Bardot: Mylene Demongeot) na figura de Zazie, a um Philippe Noiret (no papel do tio) que, vindo do Theatre National Populaire, tinha aqui, a sua “segunda estreia” no cinema (alguns anos antes aparecera no filme de Agnès Varda, **La Pointe Courte**).

Zazie Dans le Métro é um filme onde domina o sentido do absurdo e as situações mais simples adquirem uma tonalidade burlesca, reforçada pelo ritmo leve da montagem e a música. Desde o começo que Malle expõe os objectivos: a ironia, a paródia com toques de sátira (a efígie de Pétain que aparece por detrás de Turandot no café-bar ao começo), e os métodos que se inspiram no burlesco clássico. O começo do filme não poderia ser mais sugestivo: o genérico desfila sobre os carris que passam velozmente pelo ecrã, e que nos levam (com Zazie) a Paris. O fim do genérico coincide com o corte que nos mostra a gare onde o tio Gabriel (Noiret) a espera. O insólito e o humor surgem de imediato com a figura do carteirista que circula atrás de Gabriel e vai surripiando carteiras, malas e flores, e pelo movimento acelerado (como nos burlescos clássicos) da saída dos passageiros (homenagem, evidente, a Lumière). Aliás o acelerado surge com frequência quando Malle procura “avançar” rapidamente, para dar um tom de humor. Gabriel torna-se um guia lunático de Zazie em Paris nesta primeira passagem pela cidade, com o táxi cruzando os mesmos monumentos várias vezes e em cada uma Gabriel dar-lhes um nome diferente. Este toque de absurdo atinge quase as raias do delírio na irresistível visita que, mais tarde, Zazie e Gabriel fazem à torre Eiffel, onde se destaca a cena no interior do elevador onde a confusão entre as mais variadas línguas dos turistas e a forma como Gabriel parece pairar com graça e gravidade sobre o “caos” babélico (melhor exposto e desenvolvido na cena do carro dos turistas) é uma das formas como Malle faz a passagem da “desconstrução” linguística de Queneau no seu romance. O tom burlesco de todo o filme culmina na irresistível cena da luta no bar, filmada segundo as regras do mais puro “slapstick” de Mack Sennett, e até os polícias agem e movem-se como os clássicos “keystone cops”.

Viagem guiada e “louca” por Paris, **Zazie Dans le Métro** é também a história de como uma jovem começa a entrar no mundo dos adultos. A irreverência e provocação (em gestos e linguagem) de Zazie são a marca da sua inocência face a um mundo de aparências e disfarces. Zazie acabará por não ver o Metro (quando nele viaja, após a greve, já está a dormir de cansaço) e essa frustração será o sinal dessa passagem. Quando lhe perguntam no fim o que fez em Paris, ela limita-se a responder: “Envelheci.”

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico